

DÉLIO HENRIQUE PEREIRA NAVARRO
DÉLIO RUBENS PEREIRA NAVARRO
LOURDES HELENA P. NAVARRO DE AZEREDO
CÂNDIDO JOSÉ DE AZEREDO

1. Quando todas as nações do orbe civiliza-
do rivalizam entre si no cumular de maiores honras seus filhos
mais ilustres; quando, em toda parte, a inteligência é pre-
miada e o saber, laureado; quando, em qualquer nação que se
estime, ao educador e mestre de gerações é reservado, no ocaso
de sua vida, o merecido repouso em companhia de seus livros e
entes queridos; quando a homens da estatura de Flemming, Pas-
teur, Huxley, Pierre Curier, Monot, suas pátrias não se can-
sam de tributar os louros a que fazem jus aqueles cujos nomes
transcendem as fronteiras nacionais, porque são patrimônio da
humanidade, aqui em São Paulo, centro cultural do Brasil, um
professor emérito, cientista e pesquisador de nomeada interna-
cional, alma generosa e cidadão imaculado, quase octogenário,
autor de obras em que se abeberam jovens e velhos homens de
ciência, catedrático da Universidade de São Paulo, doutor "ho-
noris causa" de universidades brasileiras e de além-mar, re-
presentante deste País em congressos científicos internacio-
nais, membro honorário de inúmeras sociedades científicas da-
qui e do exterior, galardoado com os prêmios "Celestino Bour-
roul" (1944), "Richard Pearce Jr." (1950), "Arnaldo Vieira de
Carvalho" (1946), com o diploma e medalha "Adolfo Lutz" (1965),
entre outras tantas distinções, um homem assim, um homem des-
te quilate, um homem digno do escopro de Plutarco e Tácito, en-
contra-se, neste momento e desde as dez horas da manhã de ho-
je, em condições que se podem adivinhar e se devem temer, na
bastilha cabocla da Rua Tutóia, à mercê de arquitetos de so-
frimentos e horrores, chumbado à tarimba dos malquistos pelo
regime, inerme e impotente.